

Esbôço de uma nova divisão regional do Paraná

IGNEZ COSTA BARBOSA
Geógrafa do IBG

O Paraná se destaca, dentre os estados brasileiros, com um dos maiores produtores de cereais, café e algodão. Contribui com quase metade da produção de café do país (43%), 27% da produção de feijão, 18% da produção de milho e tem, ainda, relevante papel no fornecimento de outros produtos, como se pode verificar pelo quadro n.º 1.

Constitui-se o Paraná como importante celeiro responsável por grande parte do abastecimento dos mercados do Sudeste Brasileiro, além do papel de destaque que assume na economia nacional, à custa das exportações de café.

QUADRO 1.º

SITUAÇÃO DA PRODUÇÃO PARANAENSE COM RELAÇÃO À PRODUÇÃO NACIONAL, EM 1964

PRODUTOS	% da produção total brasileira	Colocação entre os demais produtores
Feijão.....	27 %	1.º lugar
Café (côco).....	43 %	1.º lugar
Algodão (caroço).....	17 %	2.º lugar
Milho.....	18 %	2.º lugar
Suínos (cabeças).....	12 %	2.º lugar
Cebola.....	8 %	3.º lugar
Batata inglesa.....	19 %	3.º lugar
Trigo.....	9 %	3.º lugar
Batata doce.....	16 %	3.º lugar
Arroz.....	6 %	7.º lugar

FONTE: *Anuário Estatístico do Brasil* (1965).

Esta situação privilegiada é resultado do recente surto da produção agropecuária. Comparando-se o volume da produção de 1964, com o de 1950, constatou-se: 1.º) aumento de quatro vezes na produção de feijão, arroz, batata inglesa; 2.º) duplicação de milho; 3.º) triplicação da produção de café e do número de cabeças de suínos; 4.º) aumento de 11 vezes da produção de algodão em caroço.

O extraordinário aumento da produção vem sendo acompanhado de importante crescimento populacional: a população urbana cresceu 151% de 1950 a 1960 e a população rural, 85%, nesse mesmo período. Cidades como Londrina e Curitiba tiveram sua população aumentada de quase 300% e Maringá, de 500%. Taxa de aumento de 200% é freqüentemente observada nas cidades paranaenses durante essa década.

Este ritmo geral de crescimento demográfico está ligado à expansão agrícola. As terras de lavoura, praticamente dobraram de 1950 para 1960, tendo a área rural, isto é, a área total ocupada pelos estabelecimentos rurais, aumentado em 46%.

Novos espaços vêm sendo conquistados, desde 1930, pelas frentes. O caráter de pioneirismo dessa ocupação veio cedendo lugar a uma economia agrícola, que

se consolida, se estabiliza e já busca melhor rendimento, com a introdução de técnicas modernas. Ao lado da atividade rural esboça-se a atividade industrial, que tem como base o primeiro beneficiamento dos produtos da terra. O valor total da produção industrial em 1960 foi de quarenta e sete milhões, vinte e sete mil e setecentos e trinta e quatro cruzeiros. O total de pessoas ocupadas por esse setor da economia foi de 68.296, enquanto a atividade agropastoril empregou 1.276.854 pessoas, naquele mesmo ano. Assim sendo, pode-se considerar o Paraná, em um estágio de desenvolvimento de economia eminentemente agrícola.

Nessa área do Centro-Sul, o desenvolvimento de certos produtos encontrou condições fisiográficas favoráveis como é o caso do café nos solos de terra roxa do Planalto Basáltico. Ainda nesse planalto o clima permitiu também a expansão do algodão e dos cereais. No Sul do estado houve possibilidades para o cultivo do trigo que aí se desenvolveu durante certo tempo. As grandes áreas de campos naturais do Planalto Sedimentar propiciaram a expansão da pecuária, atividade já antiga na região.

As rápidas transformações da paisagem, acompanhadas de modificações econômicas e sociais, têm como corolário a dissociação entre as unidades fisiográficas e a realidade geo-econômica do estado. Surge, então, a necessidade de conhecer essas novas regiões que se vêm formando, delimitá-las, para nelas poderem atuar os órgãos de planejamento, no sentido de um desenvolvimento harmônico do espaço que se está organizando.

Neste sentido, têm sido tentadas, recentemente, novas divisões regionais; como a da SAGMACS (1963), da SUNAB (1963) e a Divisão de Geografia do Estado (1964).

Com vistas a uma interpretação geográfica do tema já cuidadosamente tratado nesses trabalhos anteriores, nos propomos a esquematizar uma divisão regional para o estado do Paraná, baseada nos conceitos de região homogênea e região polarizada, enquadrando-a no conjunto de um espaço regional maior; o Centro-Sul.

Procuramos distinguir as regiões homogêneas e dividi-las em setores, que apresentam um grau maior de uniformidade. Sobre este mosaico foram colocadas então, as análises referentes à rede urbana, buscando estabelecer o tipo de relações entre cidade e campo. Com isso temos em mente atingir o objetivo do trabalho apresentando a síntese das unidades regionais e a dinâmica das relações entre elas.

ESPAÇOS HOMOGÊNEOS

A área em estudo faz parte da região Centro-Sul, que poderia ser considerada como uma grande região, e que, por sua vez, se compõe de regiões homogêneas menores, das quais, cinco estão representadas no espaço territorial em estudo, a saber:

- 1) Litoral — que engloba a área litorânea e a encosta da Serra do Mar;
- 2) Norte — que corresponde a área de expansão da lavoura de café, sendo limitada ao sul pela linha que passa por Umuarama, campo Mourão, Ivaiporã, Ibaiti, Wenceslau Braz, povoada pela expansão da lavoura de café.
- 3) Oeste — região de colonização rio-grandense constituída por elementos descendentes de alemães e italianos, correspondendo às áreas de mata do Planalto Basáltico ao Sul do Iguaçu e entre o Iguaçu e o Piquiri.
- 4) Centro — a região da pecuária extensiva e de exploração da mata, englobando as áreas de campo e mata do Planalto Sedimentar.

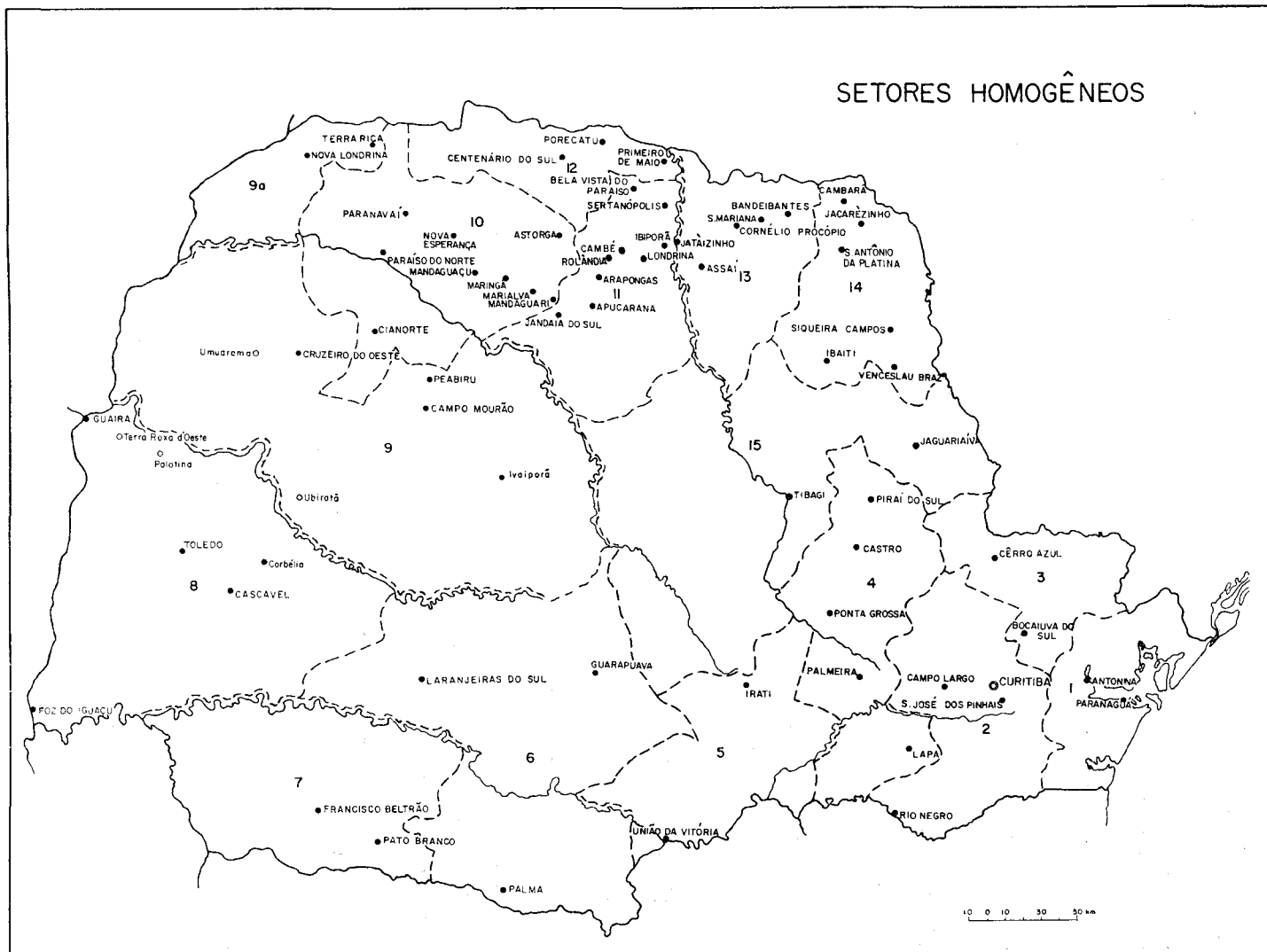


Fig. 1 — Setores Homogêneos: 1 — Litorâneo. 2 — Planalto Curitibano. 3 — Vale do Ribeira. 4 — Campos de Ponta Grossa. 5 — Colônias de Irati. 6 — Campos do Planalto Basáltico. 7 — Colônias de Iguaçu. 8 — Área de Avanço das Frentes Pioneiras. 9 — Área de Expansão do Norte. 9a — Periferia do Norte. 10 — Norte Novo. 11 — Norte. 12 — Vale do Paranapanema. 13 — Norte Algodoeiro. 14 — Norte Velho. 15 — Área de Mata do Tibagi.

- 5) Curitiba região de colonização européia antiga do Planalto de Curitiba correspondendo às colônias próximas da capital.

Nestas grandes unidades observam-se diferenciações locais, resultantes do tipo de ocupação e das transformações econômicas por que passaram tais áreas. Assim sendo, analisando-se o tipo de povoamento, a economia dominante, as características da população, o grau de industrialização, pôde-se chegar, através de sucessivas sínteses parciais, à determinação de 15 setores homogêneos. (Fig. 1), que são:

1 — Setor Litorâneo

Compreende a baixada litorânea e a encosta da serra do Mar, áreas de solos arenosos, de restinga e de encosta, pouco favoráveis às atividades agrícolas.

A ocupação humana é bastante rarefeita, encontrando-se aí densidade rural das mais fracas do estado (Fig. 2); sob este aspecto constitui exceção o município de Morretes, onde, praticamente se concentra essa população rural. Os centros urbanos, por sua vez, são pouco desenvolvidos, salvo Paranaguá, devido a sua importante função portuária.

Trata-se de uma área onde a produção agrícola é das menos desenvolvidas do estado, sendo a industrialização praticamente inexistente.

A economia local repousa na produção de hortaliças, frutas, palmito e pescados para o abastecimento do mercado curitibano. Dessa forma, o aumento populacional da área metropolitana de Curitiba tem contribuído diretamente para o desenvolvimento que se vem processando ultimamente na área em questão.

A atração como zona de veraneio e de residência secundária, pela população da capital, vem trazendo impulso aos centros urbanos litorâneos. Loteamentos, hotéis, e afluxo de cidadãos nos fins de semana e no verão, vêm contribuindo para o desenvolvimento do comércio local.

2 — Planalto Curitibano

Compreende áreas de mata e de campo do chamado Primeiro Planalto, formado por uma superfície cujos tôpos têm uma altitude muito regular, variando entre 850 e 950 m, nêle predominando as rochas cristalinas.

Trata-se de região de povoamento denso, atingindo a população rural os índices mais elevados do estado, superiores a 60 hab/km². Este fato se deve à predominância da ocupação pelo sistema de colônias, constituídas por menonistas, italianos, e poloneses. Produzem principalmente hortaliças, milho, feijão, trigo, laticínios, que são escoados para o mercado da capital. O tradicional sistema de rotação de terras com uso de arado praticado habitualmente pelos colonos vem sendo modificado, em alguns lugares, com a introdução do uso de adubo. É o caso, por exemplo, do plantio da batata inglesa em Araucária.

As colônias situadas mais próximas da aglomeração urbana tendem a ser absorvidas, passando a subúrbios tal como sucedeu à colônia de Santa Felicidade, vindo o mesmo se processando em Campo Comprido.

Centros urbanos como: Campo Largo, Rio Negro, Araucária são razoavelmente bem equipados. Nêles a indústria vem se desenvolvendo a ponto de constituir a área de atividade industrial mais importante e mais diversificada, no conjunto do estado.

Aí também, se encontra a maior concentração urbana do estado representada pela área metropolitana de Curitiba, que atingiu 440.000 hab. em 1960. Dela fazem parte os municípios de São José dos Pinhais, Almirante Tamandaré, Campo Largo e Piraquara.

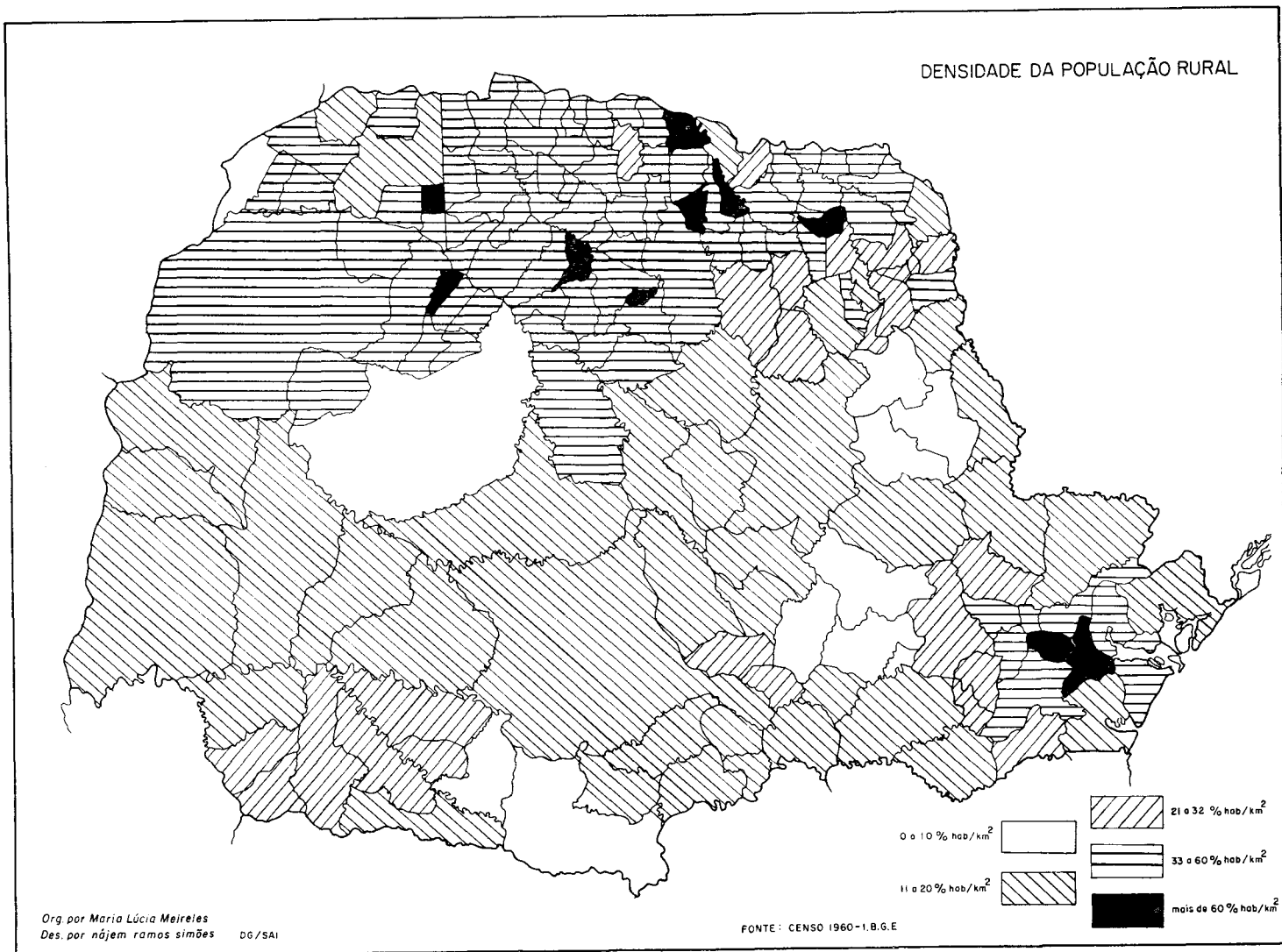


Fig. 2 — Relação entre a população rural e a área total dos estabelecimentos rurais do município.

3 — *Vale do Ribeira*

Área de mata secundária, com povoamento de caboclos, predominando a economia de subsistência. A produção se limita, praticamente às lavouras de milho, realizadas no sistema de roças, com rotação de terra primitiva, em propriedades grandes e médias. É praticada também intensamente, a exploração da mata para obtenção de lenha. Dêste tipo de ocupação resulta uma paisagem rural bem marcada, sobretudo pela presença de capoeiras em diferentes estágios.

A ocupação rural é das menos densas do estado, sendo os centros urbanos, aí encontrados, de pouca expressão. A industrialização é praticamente inexistente.

4 — *Campos de Ponta Grossa*

Trata-se de uma área tradicionalmente de pecuária extensiva, aproveitando os campos naturais do Planalto Sedimentar. Este tipo de ocupação, ainda hoje dominante, caracteriza a paisagem dêsses campos pela presença de grandes propriedades e pela dispersão da população rural, sendo os índices demográficos bastante baixos.

Em contraste com a pecuária de corte extensiva, encontra-se também, nessas áreas de campos, núcleos de pecuária intensiva com gado leiteiro. Trata-se das colônias holandesas próximas a Castro: Carambei e Castrolândia, principais abastecedores de Curitiba em leite e laticínios, e a colônia menonista de Vittmarsunt, próxima a Palmeira, também fornecedores de produtos leiteiros ao mercado curitibano. Essas colônias funcionam num sistema de cooperativas com a industrialização de leite, fornecendo leite pasteurizado, leite em pó, queijo e manteiga. Associam a lavoura à criação fazendo plantação de pastos de forragem e também de alguns cereais. O rendimento obtido nessas colônias é bastante elevado, gozando sua população de um nível da vida muito acima da média do meio rural brasileiro.

Outro exemplo de lavoura nessas áreas de campo é a da batata inglesa praticada com emprêgo de adubo, nas proximidades de Ponta Grossa e de Piraí do Sul. Nesta última área vem sendo introduzida pelos japoneses, já na transição do campo para a mata.

Mais modernamente, tem se desenvolvido nos campos do Planalto Sedimentar, um tipo de lavoura eminentemente comercial, praticada em grandes propriedades e com mecanização. É o caso da lavoura de arroz em Ponta Grossa que trouxe ao município, nos últimos anos, a posição de 2.º produtor de arroz do estado. Este surto de produção deve-se a proximidade do mercado curitibano e do acesso fácil ao mercado paulistano. Os capitais investidos nessa lavoura são principalmente resultantes da pecuária e da indústria, sendo a maior parte dos proprietários de arrozais, citadinos e absenteístas.

5 — *Colônias de Irati*

A área de colonização é bastante antiga com elementos poloneses e ucranianos. Instalados em terras de mata, êsses colonos vêm praticando, a cerca de 50 anos, rotação de terras melhorada, produzindo batata inglesa, trigo, feijão, milho, explorando a mata para o fornecimento de madeira. Essas terras encontram-se atualmente bastante esgotadas. Por outro lado, as propriedades são pequenas não sendo possível um desenvolvimento da lavoura nos moldes em que é praticada. Muitos colonos preferem vender suas propriedades e comprar uma colônia em terras mais férteis e praticamente virgens, no oeste do estado. A geração mais jovem, que já não encontra trabalho suficiente no campo, deslo-

ca-se para a cidade, indo para Irati, União da Vitória, Curitiba, onde vai trabalhar nas fábricas ou prestar pequenos serviços. Com isso a região, apesar de ter a maior parte de sua área rural ocupada com pequenas propriedades, apresenta índices de densidade rural bem mais baixo que nas áreas com semelhante sistema de ocupação.

Em Irati e Rebouças, porém, a lavoura encontra-se em franco progresso, o que se deve ao cultivo da batata inglesa com adubação, que vem substituindo a rotação de terras. Constitui esse produto o de maior rentabilidade agrícola nesses municípios, apresentando-se bastante prósperos os colonos que a êle se dedicam.

Contudo, a principal fonte de renda da região é ainda a madeira, nela se baseando praticamente toda a industrialização local.

Um das novas perspectivas da área reside na possibilidade de exploração do xisto aí existente, tendo já a Petrobrás se instalado em São Mateus do Sul.

6 — Campos do Planalto Basáltico

Área mista de campos não contínuos com pinhais. Os campos nativos do Planalto Basáltico, ou Terceiro Planalto têm um rendimento duas vezes maior que os do Planalto Sedimentar, sendo possível nêles engordar uma rês por alqueire paulista.

A pecuária extensiva é a atividade tradicional da região, praticada em grandes latifúndios. O predomínio do grande estabelecimento tem nesta área incidência das maiores do estado, acompanhada de taxas as mais baixas de densidade rural.

Últimamente, aí vem sendo introduzida a lavoura mecanizada, em moldes bem avançados, assegurando a Guarapuava o primeiro lugar na produção de arroz do estado. Apesar dessa posição como produtor de arroz, Guarapuava continua sendo um município pecuarista visto que os totais elevados da produção provêm praticamente do vale do Pinhão, onde se encontram as colônias com elementos alemães, que formam a Cooperativa de Entre Rios.

Além da pecuária, outro traço marcante na região é a importância da atividade madeireira. Os centros urbanos são por excelência, centros de beneficiamento de madeira.

Na parte sul do setor, encontra-se uma outra experiência de lavoura, porém nos moldes tradicionais. Trata-se da lavoura de trigo que atualmente vem sendo abandonada, em Bituruna e União da Vitória. Os agricultores, de um modo geral, não têm incentivo para correr os riscos que a lavoura de trigo apresenta, dadas as condições naturais. A tendência é a substituição do trigo por outra atividade de rentabilidade mais garantida, no caso a criação de gado de corte.

7 — Colônias do Iguaçú

Região de ocupação muito recente em áreas de mata do Planalto Basáltico, onde os solos são bastante férteis, colonizada com elementos de origem italiana e alemã vindos das áreas de colônias do Rio Grande do Sul. Trata-se da expansão da colonização rio-grandense.

Esses colonos dedicam-se a plantação do milho, feijão, batata e criação de suínos, no tradicional sistema de rotação de terras como emprêgo de arado, em estabelecimentos pequenos de 20 a 30 ha. O trabalho da terra é feito exclusivamente com a mão-de-obra familiar. Mantém ao lado de uma produção comercial, a lavoura de subsistência.

A economia se baseia na produção de milho e engorda de suínos para venda ao mercado do estado e, principalmente, para São Paulo. Dependendo da valorização do produto, vendem o milho ou o porco gordo.

Além das lavouras de feijão e batata, para subsistência, há também tentativas de outra lavoura comercial que é o trigo, porém cada vez menos esti-

mulada. Há tendências para a substituição do trigo pelo fumo, que é vendido à Companhia Souza Cruz e por ela financiado.

A densidade da população rural é das mais elevadas do estado, ocupando os pequenos estabelecimentos de 85 e 100% da área total rural (Fig. 3)

Os centros urbanos são nitidamente voltados para a vida rural. São centros de armazenamento dos produtos da região, e em alguns casos de primeiro beneficiamento desses produtos.

Caracteriza-se a área por grande dinamismo no crescimento populacional e pelas ligações muito estreitas com São Paulo.

8 — *Área de avanço das frentes pioneiras*

Ocupação recente pelos fluxos de população que vêm do Rio Grande do Sul e também pela expansão da ocupação do Norte do estado. Assim sendo, aí se encontram os dois tipos de ocupação pioneira: a dos descendentes de italianos e alemães que caracterizam a ocupação do setor anterior e a dos elementos nacionais e japoneses de São Paulo, semelhante ao povoamento da parte norte do estado.

Trata-se de uma região de economia do tipo de colônias, em pequenas propriedades, empregando a mão-de-obra familiar, porém, havendo ainda muitos latifúndios em mata, pertencentes às próprias companhias que lotearam a região e que ainda não foram ocupadas. Assim, embora o tipo de ocupação seja o de pequenos estabelecimentos, estes não chegam a ocupar percentagem tão elevada da área rural, como no caso anterior. Pela mesma razão, a densidade rural também não é tão elevada como nas outras áreas de pequenas propriedades.

A importância econômica da região ainda não se faz sentir, por se tratar justamente de ocupação muito recente. Predominam as roças de milho e a criação de porcos, praticada pelos colonos de origem italiana e alemã. Os colonos nacionais fazem lavoura de café, mas os cafêzais ainda jovens praticamente não chegaram a produzir. Aos cafêzais intercalam o milho, o feijão e o arroz, que garantem a manutenção, enquanto o café não produz. Os colonos japoneses têm lavouras de algodão na parte norte da área. Apesar da diversidade de produtos o sistema em que são cultivados é semelhante; trata-se de pequenas propriedades com mão-de-obra familiar. O café encontra aí dois entraves a sua expansão, como atividade monocultora: 1.º a ocupação já, de parte das terras, pelos colonos de origem alemã, que mantêm seu sistema tradicional com lavouras de milho e engorda de porcos, não sendo dados ao plantio do café; 2.º as dificuldades de ordem natural, representadas pelas condições climáticas, sendo já área de ocorrência freqüente de fortes geadas.

9 — *Área de expansão do Norte*

Ocupação recente do divisor entre o Ivaí e o Piquiri. Na parte mais oeste aparece o arenito Caiuá, dando solos menos férteis que no restante do norte.

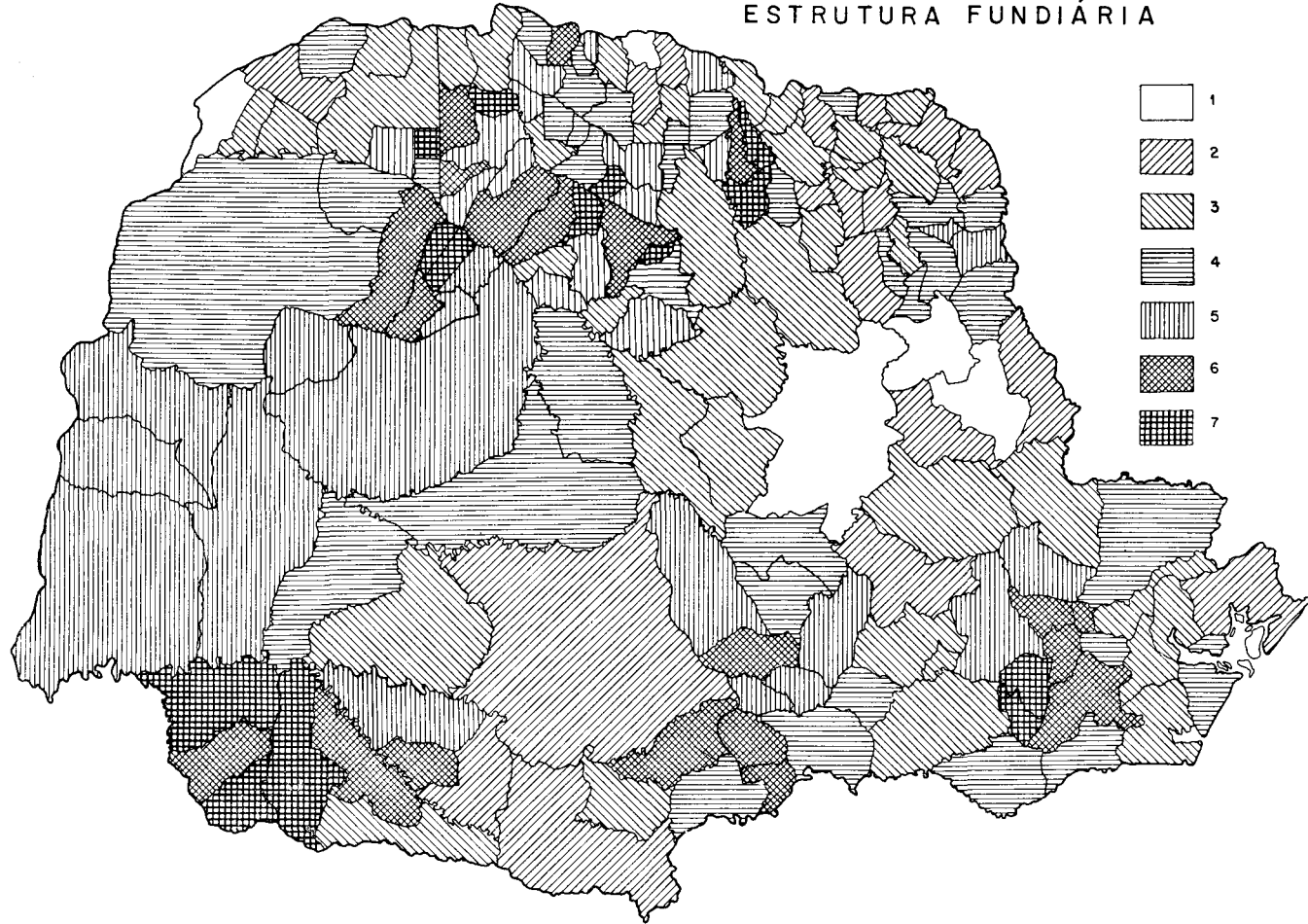
Constitui atualmente o ponto mais avançado da ocupação pioneira do norte. Este aspecto se evidencia no tipo de povoamento ainda muito desorganizado, na economia de caráter pioneiro, com derrubada da mata e com as primeiras lavouras, nas habitações de madeira, muito precárias e dispersas, e nos centros urbanos ainda em formação.

Os cafêzais plantados são muito novos e não estão todos em produção. sendo, contudo, a cultura dominante. A economia atual vai basear-se, então, no milho e no algodão, à espera da produção desses cafêzais. A lavoura de café encontra, porém, o problema das geadas.

Região ainda pouco ocupada, com muitas áreas em mata, tem densidade rural das mais fracas do estado.

Na parte mais ao sul, em áreas de mata desses municípios, aparece a suinocultura do tipo safrista, isto é, com a engorda dos porcos à solta nas plantações de milho.

ESTRUTURA FUNDIÁRIA



Fonte: Censo Agrícola 1960 / IBGE

Fig. 3 — Relação entre a área ocupada pelos grupos de estabelecimentos: pequenos (até 100 ha), médios (de 100 ha a 500 ha), grandes (mais de 500 ha) com a área total dos estabelecimentos rurais, por municípios: 1 — pequenos estabelecimentos, de 0 a 20%; médios, de 20 a 30%; grandes, de 75 a 90%. 2 — pequenos, 20 a 40%; médios, 20 a 40%; grandes, 50 a 70%. 3 — pequenos, 40 a 50%; médios, 20 a 40%; grandes, 20 a 40%. 4 — pequenos, 60 a 70%; médios, 10 a 40%; grandes, 0 a 40%. 5 — pequenos, 70 a 80%; médios, 10 a 30%; grandes, 0 a 20%. 6 — pequenos, 80 a 90%; médios, 10 a 20%; grandes, 0 a 10%. 7 — pequenos, 90 a 100%; médios, 0 a 20%; grandes, 0 a 5%.

9a — *Periferia do Norte*

A expansão do Norte se faz também no sentido noroeste, porém menos que no da região anterior, porque aí predominam os solos menos férteis do arenito Caiuá.

A ocupação é basicamente de pequenas propriedades mas ainda com muitos latifúndios em mata a espera de serem ocupados.

O produto dominante é o algodão, havendo também o café.

10 — *Norte Novo*

Com as mesmas características de ocupação do setor anterior, pela pequena propriedade, pela ocupação pioneira e pela lavoura de café, distingue-se daquele, por uma ocupação mais recente e pela incidência maior do café na economia local.

Aí também se observam as altas densidades rurais e a percentagem elevada da área rural ocupada com os pequenos estabelecimentos, caracterizando-se ainda, pelas maiores taxas de crescimento urbano e rural.

Compreende áreas de planalto e do vale do Ivaí, sendo os solos do espigão ocupados com o café e os do vale, com o algodão ou milho.

A industrialização já se faz sentir consistindo no beneficiamento do café, na extração de óleos de algodão e alambiques de hortelã. Também os centros urbanos se desenvolveram rapidamente distinguindo-se sobretudo Maringá.

11 — *Norte*

Trata-se de uma área que apresenta densidade rural das mais fortes do estado e intensa ocupação urbana, distinguindo-se como importante produtora de café. Estas características são resultantes do tipo de ocupação, baseado nessa economia agrícola, em sistema de pequenas propriedades e com lavouras comerciais de alta rentabilidade.

A ocupação desta parte do Planalto Basáltico se deu recentemente, isto é, a partir de 1930, e de forma planejada, através das realizações da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. A referida companhia efetuou a partir daquela época a venda de lotes urbanos e rurais. Assim, ao lado da ocupação rural, em pequenas propriedades, foram se constituindo os centros urbanos, de serviços e de comércio, onde a indústria veio encontrar condições desejáveis para se instalar.

Nos solos férteis de terra roxa, desenvolveu-se a lavoura do café, através da qual se deu a ocupação efetiva do campo. Outras lavouras foram sendo introduzidas, porém, é ainda o café o traço marcante da paisagem. A lavoura é uma das que mais tem se destacado ultimamente.

A expansão da lavoura foi acompanhada de forte desenvolvimento populacional e da proliferação de centros urbanos, muito próximos e industrializados.

A importância econômica desse setor na economia regional e mesmo nacional se traduz pela intensidade de seu comércio com os grandes centros do país, sobretudo com São Paulo e pelo desenvolvimento rápido de uma grande cidade como é Londrina.

12 — *Vale do Paranapanema*

Área ocupada antes da colonização do Norte. Predominam as propriedades médias e grandes, com as lavouras de cana de açúcar. Pela proximidade do Norte, a região se beneficia do dinamismo daquela área, sendo nela introduzido também o café.

As densidades rurais são mais baixas que as do Norte e os centros urbanos não apresentam o dinamismo daquela área, nem o mesmo desenvolvimento da industrialização.

13 — *Norte algodoeiro*

No conjunto do norte do estado é uma das áreas que foram povoadas primeiro, sendo sua ocupação anterior a 1930. O povoamento foi feito com elementos nacionais e japoneses.

Nos solos desta parte do Planalto Basáltico desenvolve-se uma economia policultora, no sistema de pequenas propriedades, o que assegura a este setor as fortes densidades rurais que aí se verificam. De um modo geral as propriedades são divididas em parcelas onde se cultiva cana-de-açúcar, café, amendoim, algodão e rami. O principal produto comercial é, contudo, o algodão, resultante principalmente das plantações dos japoneses de Assaí.

A área se identifica bem mais com o resto do Norte que com o Norte velho, pelo dinamismo dos centros urbanos, pela industrialização e pela ocupação intensa da área rural.

14 — *Norte Velho*

É a parte do Norte de ocupação mais antiga, onde desde o fins do século passado se instalaram as lavouras de café, nos moldes das fazendas paulistas, em terras de mata dos planaltos Basáltico e Sedimentar.

A economia da região é ainda basicamente o café. Contudo, os cafézais velhos e os solos já bastante esgotados têm uma produtividade muito pequena não podendo concorrer com a das áreas de terra roxa, recentemente exploradas, de solos mais férteis. Ao lado dos cafézais aparecem outras lavouras tais, como: milho e feijão, sendo que na parte mais ao norte, em Cambará, há tendência à substituição daquela lavoura pela de cana-de-açúcar. Nos municípios de Ibaiti, Siqueira Campos e Ribeirão Claro os pastos e a criação vêm ocupando as terras de antigos cafézais.

Apesar de predominarem as propriedades grandes, a densidade rural é relativamente elevada, devido ao emprêgo de assalariados nessas fazendas.

A região é incipientemente industrializada, constituindo essa atividade no beneficiamento do café, na máquina de milho e usina de açúcar.

15 — *Área de Mata do Tibagi*

Situada entre o Norte e Áreas de Campos do Segundo Planalto, compreendendo áreas de mata, transição entre a mata latifoliada e a araucária, não foi atingida pela expansão do Norte nem pela colonização dos Campos Gerais. Situada entre êsses dois tipos de ocupação, a economia se baseia na exploração da mata, para fornecimento de madeira e lenha e para a indústria de papel. Aí se encontram as indústrias de papel Klabin, em Monte Alegre.

Dominam as grandes propriedades, que chegam a ocupar mesmo 95% da área rural. A densidade rural é a mais fraca do estado.

Como atividade agrícola têm-se a criação de porcos no sistema de safra, já descrito anteriormente, que é observado em Arapotí, Jaguariaíva, Curiúva, etc.

O PAPEL DAS CIDADES NA REGIÃO

Segundo as atuais concepções geográficas de região, a mesma se organiza em tórno de seu centro, vivendo através dêle, sendo portanto um espaço polarizado (Kayser, 1964). No caso da área em estudo, trata-se de uma organização regional ainda não consolidada, onde a estrutura urbana apenas se esboça, e onde a polarização não se faz de forma completa.

O caráter pioneiro da ocupação da maior parte da área, baseado numa economia especulativa, calcada num produto de lavoura para comércio extra-regional, levou ao povoamento muito rápido do campo e ao crescimento explosivo das cidades. Assim sendo, nem bem um centro regional completo chega a se

formar e já outros vão surgindo, competindo na polarização de alguns setores da vida regional. Por outro lado, a dependência de um mercado extra-regional, representado pelo Sudeste, leva a ligações muito freqüentes entre a região produtora agrícola e aquele mercado consumidor bastante industrializado. Há, então, uma participação direta do Sudeste, e principalmente de São Paulo, na dinamização da região, estabelecendo-se um tipo de relações próprio entre as cidades e o campo, dificultando a formação de verdadeiros centros regionais.

Com vistas a distinguir o papel dos centros urbanos, em diferentes estágios de formação, na vida regional do Paraná, procurou-se inicialmente analisar o equipamento do setor terciário de cada um desses centros, a fim de se poder chegar a reconhecer aqueles que estariam aptos a exercer uma ação polarizadora, dentro desse tipo de organização regional não consolidada.

A seguir, comparou-se o grau de equipamento naquele setor com a população urbana, nos centros de mais de 10.000 habitantes, distinguindo assim aqueles centros com um grau de equipamento superior às necessidades de sua população urbana e que por conseguinte teriam importância regional maior.

A estes aspectos de setor terciário, juntou-se o desenvolvimento do setor secundário, relacionando-o às condições regionais de fornecimento de matérias primas e consumo de produtos industrializados.

Finalmente, procurou-se estabelecer a área de influência dos centros regionais pela análise do fluxo do transporte de pessoas, pela rede de filiais bancárias e pelos estabelecimentos industriais de empresas dos grandes centros.

1) O EQUIPAMENTO TERCIÁRIO

A ação do centro urbano na organização administrativa, social e econômica da região manifesta-se no seu equipamenho do setor de comércio e de serviços.

Dentro das possibilidades de obtenção de dados estatísticos referentes a estes setores, foram escolhidos alguns serviços que poderiam representar uma importância regional, tais como: serviço bancário, médico-hospitalar, edição de jornais e revistas, ensino médio e superior, diversões, hoteleiro, e a presença de cooperativas de produção. No que se refere ao comércio, não se dispoñdo de dados específicos sobre cada tipo, a fim de que se pudesse selecionar os de atendimento regional, tomou-se como elemento de comparação o total de atacadistas e o total de estabelecimentos varejistas.

A cada uma daquelas atividades terciárias foi atribuído um peso segundo sua possibilidade de ter uma importância regional maior. Assim, o número de leitos de hospital teve peso maior que o número de médicos; o total de matriz de bancos, mais que o de filiais; o total de estabelecimentos atacadistas mais que o de varejistas.

Os resultados dessa comparação deram margem a que se pudesse hierarquizar os centros segundo o grau de equipamento terciário, como se pode observar na figura 4.

No nível mais alto aparece um único centro, Curitiba, com todos os setores completos e com índices bem mais elevados que os outros centros. A seguir, ainda completo, porém com índices mais baixos, tem-se Londrina. Num grau de equipamento menos elevado estão os centros onde já não aparecem os setores mais raros como: matriz de banco, ensino superior. Estão neste caso: Maringá, Apucarana e Ponta Grossa. Em quarto lugar aparecem centros já menos completos, mas, relativamente bem equipados: Castro, Jacarèzinho, Paranaguá, Cornélio Procópio, União da Vitória, Arapongas e Paranavaí. Finalmente, os centros incompletos: Cascavel, Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão, Guarapuava, Irati, Umuarama, Cruzeiro do Oeste, Campo Mourão, etc.

Comparando-se o grau de equipamento com a população, observa-se que somente Curitiba e Londrina têm uma proporção entre dois fatores que de-

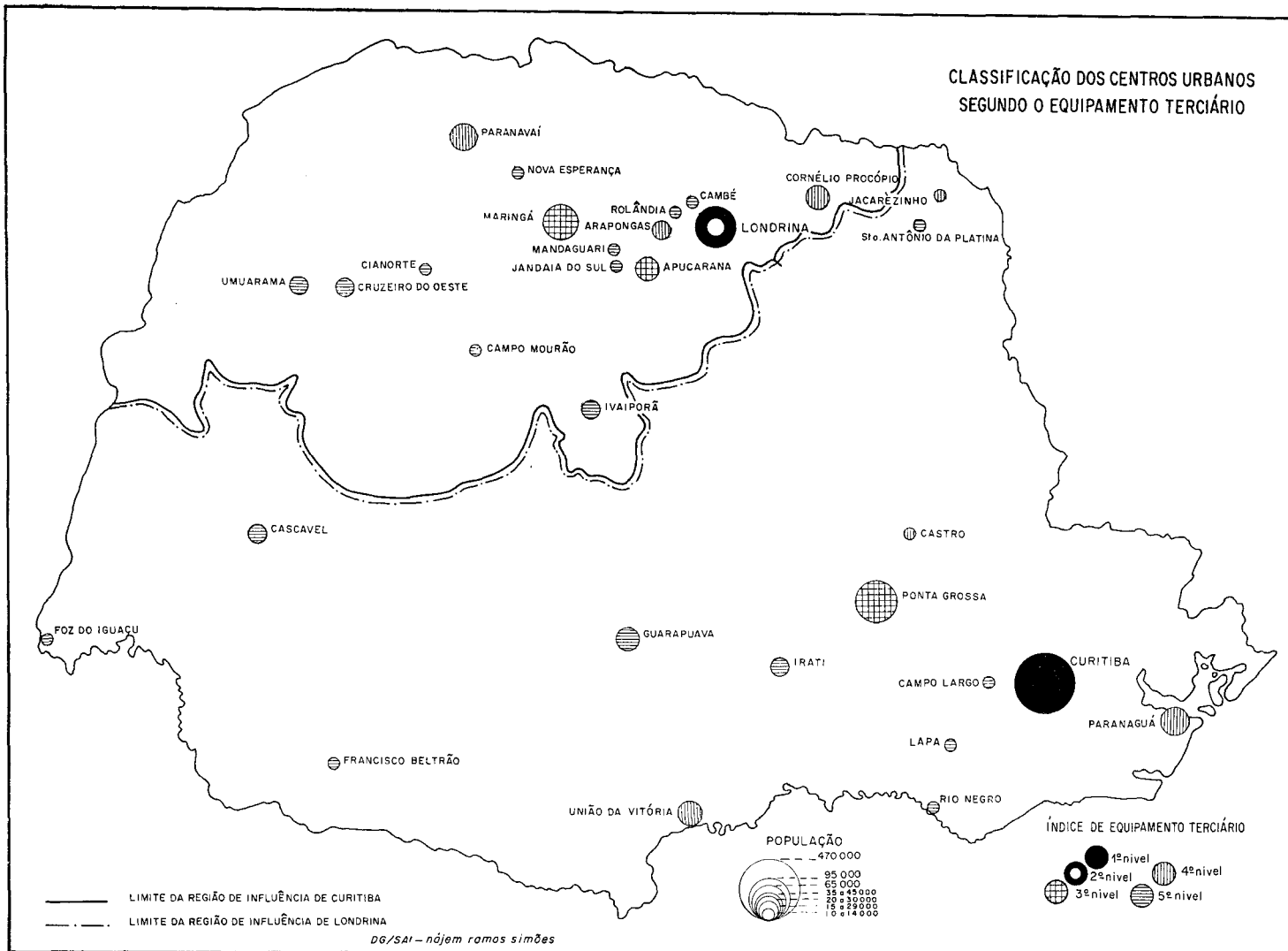


Fig. 4 — Hierarquização dos centros urbanos de mais de 10.000 habitantes, segundo o grau de equipamento terciário. Os níveis foram estabelecidos, segundo uma nota atribuída ao centro, nota esta resultante do somatório das notas ponderadas dos seguintes dados: número de atacadistas, número de varejistas, número de matrizes bancárias, número de filiais de bancos, número de hotéis, número de cooperativas de produção, número de leitos de hospital, número de médicos, número de jornais e revistas editados, número de matrículas no ensino médio, número de matrículas no ensino superior, número de teatros e cinemas, número de bibliotecas.

monstre importância regional. Note-se que Ponta Grossa com a mesma população de Londrina tem um grau de equipamento mais baixo. Das cidades menores somente Castro e Jacarèzinho apresentam proporção semelhante àqueles primeiros. No primeiro caso trata-se de centro urbano em região com nível de vida muito acima do comum nas zonas rurais, e no segundo, trata-se de um centro muito antigo, em relação aos de igual população, e portanto, já estruturado. Comparando-se Jacarèzinho com Santo Antônio da Platina, aquele tem grau de equipamento que lhe permite importância regional maior que o segundo.

Os demais centros têm um grau de equipamento do setor terciário diretamente proporcional à sua população urbana, não demonstrando, portanto, importância regional marcante.

Da análise dos equipamentos urbanos, observa-se que aqueles ligados à função comercial são muito desenvolvidos: número de casas atacadistas, filiais bancárias, etc.

No caso do Paraná, a produção voltada para o mercado consumidor, constituído pelo Sudeste, ou para a exportação, leva a que o comércio seja dominado por firmas paulistas, cujas filiais e representantes se localizam nos grandes centros paranaenses. A partir do mercado consumidor, processa-se, então, todo um jôgo de adiantamento em recursos ou em mercadorias, através dos intermediários. O primeiro intermediário é o consumidor local, em geral o dono de caminhões ou de loja no varejo do centro elementar. O segundo intermediário é o representante da firma compradora que recebe o adiantamento através dos bancos para compra de produto a diversos daqueles primeiros intermediários. Este último é muitas vezes um comerciante atacadista de um centro regional para onde converge a mercadoria de diversos municípios e de onde é expedida. Daí a importância regional desses últimos centros, onde se desenvolve uma estrutura bancária, de armazenamento, de transporte, funcionando como um entreposto para alguns produtos.

A falta de dados detalhados sobre êsses fluxos de mercadorias, procurou-se deduzir indiretamente a importância regional das cidades na comercialização, através de sua capacidade de armazéns e silos, do movimento bancário, de sua posição em relação às vias de transporte.

2) A FUNÇÃO ARMAZENADORA DE PRODUTOS DA REGIÃO

Primeiramente, procurou-se analisar a situação das cidades como centros de armazenamento. Observa-se que os maiores centros armazenadores se localizam em pontos-chaves dos entroncamentos rodoviários, em pontos avançados das comunicações, ou são centros de região produtora.

Em primeiro lugar, destaca-se a posição de Paranaguá, pôrto de exportação do estado, principalmente de café, e de Curitiba, maior centro consumidor urbano do estado, centro redistribuidor de mercadorias importadas, nó de ligações com tôdas as regiões do Paraná, com o pôrto, com São Paulo e com o Sul. É um dos maiores centros armazenadores de café, cereais e outros produtos. A seguir, encontra-se Londrina, segundo centro urbano e consumidor, centro distribuidor de parte da produção do estado, possuindo a maior concentração de firmas cerealistas do mercado paulista, para onde escoam praticamente tôda a produção regional, de lá recebendo a maioria dos produtos importados por sua região. É ainda importante centro de comercialização do café, nó rodo-ferroviário que se comunica com São Paulo por rodovia e por ferrovia com Ourinhos.

Ainda muito importante do ponto de vista de armazenamento, acha-se Maringá, grande centro distribuidor de mercadorias importadas para o noroeste, escoadouro da produção dessa região, possuindo filiais de firmas cerealistas, escritórios comerciais das filiais de importantes firmas compradoras de café e de beneficiamento de produtos agrícolas; Araçongá, Apucarana, que têm importante posição com relação às ligações rodoviárias entre o norte do estado

e Curitiba, posição de destaque no escoamento da produção de café por Paranaguá. No Norte Velho, distingue-se Jacarêzinho como principal centro ligado à comercialização do café, diretamente com São Paulo. Ponta Grossa, cidade chave nas ligações da circulação geral do estado, com Santa Catarina e Rio Grande do Sul, centro consumidor rivalizando com Londrina pela população urbana, conta com firmas cerealistas de Curitiba e de São Paulo.

Outros centros armazenadores de menor capacidade localizam-se em plena área produtora, como por exemplo: Pato Branco, Paranavaí, Nova Esperança, União da Vitória e Irati, armazenando apenas a produção local.

3) A FUNÇÃO BANCÁRIA

No que se refere à função bancária e financeira dos centros urbanos do Paraná, observa-se que o mecanismo comercial, tal como foi descrito anteriormente, acarreta o acúmulo de negócios em certas praças mais dinâmicas. A organização do comércio de capitais a partir dessas praças, o processamento de empréstimos, avanço sobre títulos e garantias hipotecárias, abertura de financiamento a comerciantes das cidades menores, crédito a curto e a longo prazo, são elementos que permitem reconhecer a importância regional dos mesmos — o suporte bancário, ao lado do arcabouço comercial, é uma das engrenagens essenciais da dominação urbana sobre o campo.

Assim sendo, procurou-se analisar o movimento dessas praças através do volume total de títulos descontados num ano, correlacionando este montante à população total do município. A população funcionando como um denominador comum, evitando dessa forma a simples relação de totais abstratos, permite a comparação entre as praças, centros dos negócios da região.

Os resultados dessa comparação dão a Curitiba e Londrina uma posição de destaque como centros de máxima concentração de negócios na região. Este fato pode ser interpretado como sendo índice de centros com forte contingente de população, para onde afluem os negócios de uma área, que ultrapassa os limites municipais em escala muito maior do que nos outros casos. A superfície financeira da praça, tomada pelo volume dos títulos nela descontados em relação ao total da região, permite que se avalie o poder de trocas desse centro urbano e a amplitude da polarização que ele exerce.

Seguem-se aqueles centros sub-regionais: Maringá e Ponta Grossa com a mesma tendência, porém em escala menor.

Centros elementares como Paranavaí, Apucarana, Jacarêzinho, Cornélio Procópio, gozam de uma situação ainda de destaque, ao nível de Paranaguá. Merecem citação ainda, se bem que com percentagem de títulos muito menor, os centros locais como: Cambé, Assaí, Cianorte, Nova Esperança, Irati, que são importantes como centros comerciais. Nesta categoria estão a maior parte dos centros elementares, onde a atividade comercial é de menor amplitude, mas que assumem importância por estarem isolados em área onde são praticamente as únicas praças existentes. Esta situação lhes confere certa importância na vida regional, não tanto pelo dinamismo, mas pela área que cobrem; é o caso de Guarapuava, Umuarama, Pato Branco, Campo Mourão, União da Vitória.

Esse movimento de negócios que leva à proliferação dos estabelecimentos bancários, está muito relacionado à atividade agrícola. Analisando-se o movimento de empréstimo em conta corrente observa-se que 83% desses empréstimos é feito à lavoura, 7% ao comércio e 10% à indústria (FONTE: Serviço de Estatística Econômica e Financeira. Ministério da Fazenda, 1965).

A falta de dados mais detalhados sobre: fluxo dos capitais, percentagem do total de negócios de cada praça, curva rítmica dos líquidos disponíveis nos bancos, no decorrer do ano, (isto é, o ritmo regional das praças, que poderia ser correlacionado com a vida agrícola da região), apelou-se para esses movimentos de empréstimo em conta corrente, a fim de se poder caracterizar o movimento

dessa praça e suas relações com a região. Essas praças funcionam como verdadeiros entrepostos comerciais, centros de financiamento da produção através desses empréstimos em conta corrente.

O crédito dos bancos particulares atingiu a um total de 6 bilhões, enquanto a Carteira de Crédito do Banco do Brasil atingiu a 23 bilhões em 1962 (SUNAB — 1963). Apesar do crédito dos bancos particulares terem um peso muito menor que o movimento de financiamento do Banco do Brasil, constitui um elemento de interesse para a caracterização regional.

Na análise desse elemento acentua-se o dinamismo da região do Norte como também no que se refere ao volume de títulos descontados. É justamente a área de predomínio de filiais de São Paulo, onde se encontra maior movimento bancário.

Excetuando-se a região do Norte, onde os negócios relacionados ao café permitem a proliferação de estabelecimentos bancários e concentração de grande número de praças, no resto do estado, elas são esparsas, concentrando-se o volume maior na capital. Admitindo-se esta ligação financeira como um aspecto de atuação regional, poder-se-ia então dividir o Paraná em duas regiões: uma diretamente dependente de São Paulo, funcionando Londrina como um intermediário; outra menos prês a São Paulo, ligada à Curitiba, que seria um "relais" do pólo dinamizador representado pela capital paulistana.

4) A IMPORTÂNCIA DO SETOR SECUNDÁRIO

A industrialização é, de um modo geral, atividade menos importante que o comércio e os serviços nos centros urbanos do Paraná. A exceção de Curitiba, os demais centros são pouco industrializados, resumindo-se essa atividade no beneficiamento de produtos agropastoris e da madeira.

Numa análise superficial do que seja a atividade industrial nessas cidades, tomando como elemento de comparação a resultante dos dois fatores: total de pessoal ocupado e valor da transformação industrial, podemos distinguir um centro industrialmente importante: Curitiba; centros industrializados razoavelmente desenvolvidos no contexto do estado: Ponta Grossa e Londrina; centros de industrialização incipiente: Maringá, Irati, Guarapuava, sendo os demais, centros de primeiro beneficiamento de um ou mais produtos locais.

Curitiba concentra o maior número de pessoas no setor secundário: 18.000. Suas indústrias caracterizam-se, em comparação com as demais, pela diversificação. Podem ser agrupadas em dois setores: a) indústrias de produtos acabados para o abastecimento do mercado urbano local e regional: tecelagem e fiação, vestuário, calçados, material de construção, cerveja, indústrias gráficas; b) indústrias ligadas à matérias primas da região: madeira, mate, couros, beneficiamento de café e cereais.

As que empregam maior número de operários são a de fabricação de malas de couro, de fósforos, cerveja, e a fiação e tecelagem.

Além disso as empresas curitibanas têm estabelecimentos fora da cidade: no sul do estado, no oeste e, em menor quantidade, no norte. Segundo a análise feita dos assalariados de cada município trabalhando em estabelecimentos de empresas de Curitiba e São Paulo, (CNG — 1966) — pode-se observar que, à capital pertence a maior parte dos assalariados naquelas áreas citadas, ficando o norte predominantemente ligado às empresas de São Paulo. Os assalariados dessas empresas curitibanas fora da capital, estão ocupados predominantemente na indústria madeireira. Em Ponta Grossa a principal indústria é a madeira, representada pela serraria, beneficiamento, fábrica de compensados, laminados, esquadrias. Há também aí, a moagem de cereais da região, frigoríficos e a indústrias de cerâmica para construção. O tipo de estabelecimento que emprega maior número de operários é o de laminados — 240 pessoas empregadas. (D.E. E-1964)

Londrina caracteriza-se pelo beneficiamento de algodão e produção de óleos, contando também com a indústria madeireira e a cerâmica.

Os centros de 3.º grupo já estão muito ligados ao beneficiamento da produção local, produzindo para o mercado extra-regional. Em Maringá a indústria se resume no beneficiamento de café, algodão e produção de óleos. Irati conta praticamente com a indústria ligada à atividade madeireira, aí se localizando também uma fábrica de fósforo e fábricas de caixas de madeira. Guarapuava é centro de concentração de serrarias, onde é serrada e beneficiada a madeira, havendo em muito menor número outros estabelecimentos, também ligados à madeira: laminação, compensados.

Distingue-se ainda pelo total de pessoas ocupadas na indústria e pelo valor da produção industrial, segundo os dados de 1960, a cidade de Tibagi. Isto se deve ao fato de se encontrar no município as instalações das fábricas de papel Klabin, em Telêmaco Borba, na antiga Fazenda Monte Alegre, atualmente já elevado à categoria de município. A presença, contudo, dessa indústria não traz aos centros urbanos de Tibagi e Telêmaco Borba, a ela ligados, importância regional; trata-se de uma atividade que se destina puramente ao mercado extra-regional.

ÁREA DE INFLUÊNCIA DAS CIDADES

A falta de outros recursos para reconhecer a área de influência dos centros mais importantes do estado, utilizou-se o movimento de ônibus.

A comparação do total de saídas e chegadas de ônibus a cada centro, com a saída daí para centros menores, dá uma idéia bastante clara do fluxo de pessoas aos centros regionais e por conseguinte, a importância dos mesmos.

Observa-se pela figura 5 que Curitiba tem ligações com o estado todo, porém, pouco freqüentes, de 1 a 5 viagens por semana, exceto com os municípios muito próximos e com Ponta Grossa.

Já Londrina mantém ligações muito freqüentes com todo o norte, através de Maringá, também com o oeste e, por Apucarana, com o centro-oeste do estado.

Maringá e Apucarana tem um papel de centros intermediários nas comunicações de Londrina, estando por sua vez muito ligados a esta cidade.

Os demais centros com população superior a 10.000 habitantes, nenhum deles tem ligações que permitem atribuir-lhes uma importância regional marcante, nem mesmo Ponta Grossa.

Da análise desse fluxo pode-se concluir que a área de influência de Londrina vai de Umuarama, Cascavel, Ivaiporã, Cornélio Procópio à Cambará.

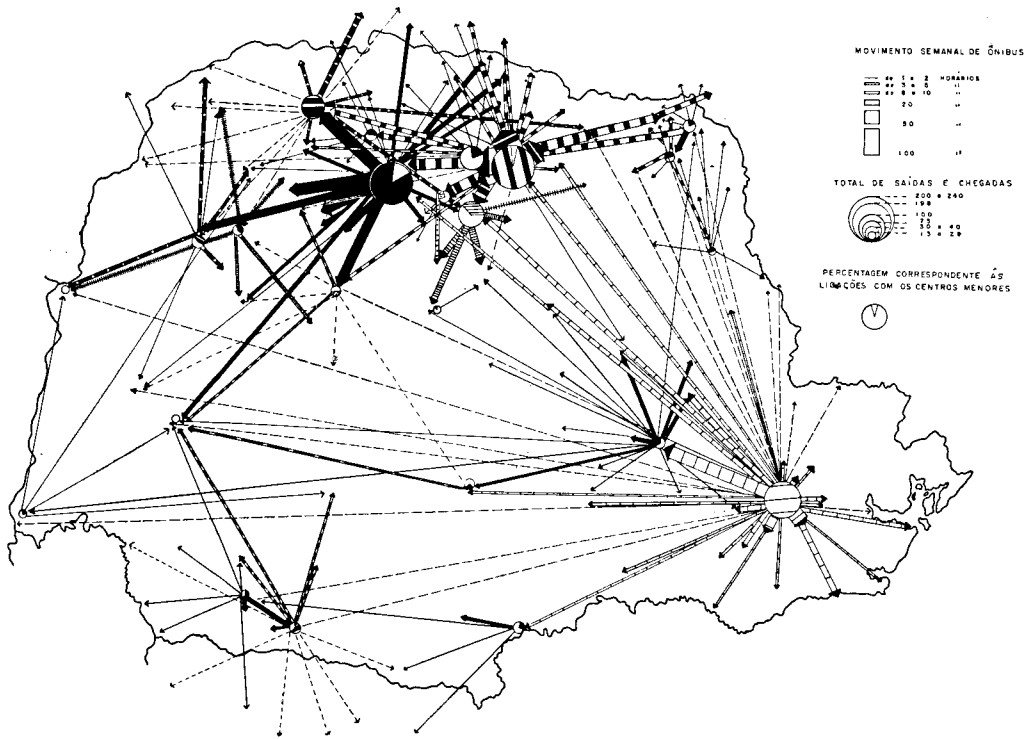
A área de influência de Curitiba ficaria ao sul da linha que passa por essas cidades, englobando o resto do oeste, o centro, inclusive Tibagi e o nordeste até Wenceslau Braz. A área compreendida pelos municípios ao norte Wenceslau Braz até Cambará, estão mais ligados a Ourinhos, embora não sejam representadas na figura 5 essas ligações realizadas por empresas de transporte com sede fora do estado.

A POLARIZAÇÃO

Os resultados obtidos com as análises feitas, serão plenamente satisfatórias, permitem, contudo, distinguir certos aspectos das relações entre as cidades e o campo, na área em estudo.

Numa síntese geral dessas relações, pode-se concluir que, no espaço em questão, atuam fatores decorrentes de influências externas, procedentes principalmente do pólo de desenvolvimento representado por São Paulo. Daí partem os estímulos à produção para aquele mercado consumidor, os capitais que são representados pelos investimentos, principalmente, no setor industrial, por parte

FLUXO RODOVIÁRIO DO PARANÁ



FONTE: DADOS DO D.E.R. - PARANÁ 1966

Fig. 5 — Fluxo de passageiros por rodovia, segundo as empresas de ônibus com sede no Paraná. O tamanho do círculo corresponde ao total de horários de ônibus, ligando o centro urbano aos demais. O setor em branco corresponde a percentagem desse total referente às ligações com centros maiores. Foram considerados todos os centros de mais de 10.000 habitantes e 2, entre 5.000 e 10.000: Wenceslau Braz e Pato Branco, que são os únicos de menos de 10.000 que possuem ligações relativamente importantes. Note-se que Pato Branco chega mesmo a ter mais ligações que Francisco Beltrão, tanto no que se refere aos centros locais, como com os centros urbanos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

de empresários paulistas e, também, através da comercialização dos produtos da região, com firmas de São Paulo. Pode-se considerar então, o Paraná, como parte integrante da região polarizada pela metrópole paulistana.

Essas ligações com o pólo regional se fazem, em parte, através de seus centros regionais: Curitiba e Londrina. Distinguem-se assim duas unidades polarizadas dentro do espaço em questão: a região de Curitiba e a região de Londrina.

A região de Curitiba

A maior parte do Paraná é polarizada por sua capital administrativa. Curitiba funciona para esta região como centro de comando da vida social, econômica e administrativa. Constitui importante mercado consumidor de produtos locais com a maior concentração urbana: 470.000 habitantes (1964), gru-

pando 8,5% da população do estado. Por outro lado, tendo aí se desenvolvido a maior concentração industrial do estado (40% do total de pessoal ocupado), absorve grande parte da produção regional de madeira, matérias primas alimentares e algodão, fornecendo produtos acabados à região. Além disso, empresas industriais aí sediadas mantêm estabelecimentos em diferentes pontos da região.

Por suas ligações com São Paulo tem papel importante como centro distribuidor dos produtos industrializados.

Para ela afluem parte dos capitais da região através das filiais de bancos dispersos pelos municípios, conforme já foi exposto. Constitui, por outro lado, importante centro de serviços, o mais completo e bem equipado do estado.

Por tôdas estas funções, Curitiba polariza uma área bastante vasta e constituída de diferentes setores homogêneos. Nestes setores distinguem-se centros urbanos incompletos que dela dependem e que são intermediários entre o campo e a metrópole curitibana. São eles: Irati, Guarapuava, União da Vitória, Pato Branco, Cascavel, Guaira, Castro, centros de importância local apenas. Nêles os serviços se destinam ao atendimento da população urbana e rural em suas necessidades mais freqüentes e menos especializadas, e onde se faz a primeira etapa da comercialização dos produtos. São centros receptores de parte dos produtos do setor homogêneo em que se encontram, uma vez que uma forte percentagem dos mesmos é escoada, diretamente, para o mercado consumidor extra-regional.

Dentro dessa região distinguem-se: *Ponta Grossa*, que funciona como um subcentro, importante mais na comercialização dos produtos regionais que no atendimento em serviços; Paranaguá pela função portuária, escoadora da produção do estado para o mercado extra-regional e externo.

Curitiba poderia ser, portanto, considerada como uma metrópole regional, diretamente ligada a São Paulo, funcionando como um centro transmissor do desenvolvimento daquele pólo à sua região.

A região de Londrina

Outro centro capaz de exercer uma função polarizadora é Londrina. Importante por seu equipamento em serviços, centraliza a comercialização dos produtos da região, além de absorver parte deles por suas indústrias de beneficiamento.

Londrina, cidade de 95.000 habitantes, não tem as características de metrópole, como no caso de Curitiba. Pode ser considerada como uma capital regional, diretamente ligada a São Paulo.

Sua dependência da metrópole paulista se faz sentir no setor industrial, pela presença de estabelecimentos de empresas paulistas; no setor comercial, pelos escritórios de firmas comerciais de São Paulo, principalmente de café; no setor financeiro, pelas filiais de bancos paulistas que são as predominantes no setor bancário aí existente.

As ligações com Curitiba são bem menores, referentes principalmente às funções administrativas.

A região centralizada por Londrina, ao contrário da de Curitiba, apresenta-se bastante homogênea, se bem que possam ser aí distinguidos setores cujas diferenças não são tão acentuadas quanto nos da região de Curitiba.

Nesses setores há centros urbanos, como Cornélio Procópio, Apucarana, Paranavaí, Campo Mourão e Umuarama, que funcionam como centros receptores dos produtos do setor para expedir ao mercado extra-regional. Uma forte percentagem dos produtos locais escapa à centralização dessas cidades, escoando-se diretamente ao mercado consumidor.

Maringá funciona como um subcentro, intermediário entre o extremo oeste da região e o centro polarizador. Suas ligações com a região se fazem sentir mais no setor da comercialização e beneficiamento dos produtos locais que nos serviços. Esse subcentro mantém ligações diretas com São Paulo, daí recebendo a maior parte dos produtos que redistribui.

O Norte Velho

Escapando à influência desses dois centros polarizadores, dentro do estado, o Norte Velho (setor 14) se liga diretamente à rede urbana do estado de São Paulo.

Trata-se aí de um setor homogêneo onde nenhum centro tem o papel de polarizador. O centro que mais se destaca pelos serviços e pela industrialização é Jacarêzinho, se bem que a importância regional seja pequena, podendo ser considerado um centro local. Pela proximidade da cidade paulista de Ourinhos, pode-se admitir a hipótese de que esteja a ela diretamente ligado, porém faltam dados que comprovam essa dependência.

CONCLUSÕES

1. Estas unidades regionais mantêm entre si ligações constituindo um tipo de organização regional do espaço, espaço este integrado na região Centro-Sul e, portanto, com ligações também com outras regiões, fora dos limites administrativos do Paraná. Seria necessário então estender os estudos pelo resto da região, analisando-a como um todo e prolongar esses setores homogêneos e as regiões polarizadas além dos limites administrativos do estado, para assim obter seus verdadeiros limites.

2. Por este esboço preliminar já se pode ter uma noção das características e diferenças regionais, dos problemas dessas unidades espaciais. Observa-se então a necessidade de estudos detalhados dessa ordem para compreender a organização do espaço e saber onde atuar, no sentido de um verdadeiro desenvolvimento regional.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHELMESS, Heloisa — "Ante-projeto de Divisão Regional do Estado do Paraná". *Boletim da Divisão de Geografia do Departamento de Geografia, Terras e Colonização do Paraná*, n.º 1, Curitiba, 1964.
- BERNARDES, Lysia M.C. — "Crescimento da População do Estado do Paraná." *Revista Brasileira de Geografia*, 13 (2), CNG 1951.
- BERNARDES, Nilo — "Expansão do Povoamento do Estado do Paraná". *Revista Brasileira de Geografia*, 14 (4), CNG, 1952.
- CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA — DG — Secção de Estudos Sistemáticos. "Cartograma dos Assalariados Externos", 1966, Inédito.
- KAYSER, B. — "Géographie Active de la Région", in *Géographie Active*, P.U.F., Paris 1964.
- MÜLLER, N. L. — "Contribuição ao Estudo do Norte do Paraná." *Boletim Paulista da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, n.º 22, 1956.
- SAGMACS — PLADEF — "Planejamento Territorial do Paraná", 1963, Inédito.
- SUNAB — DEPLAN — "Levantamento da Produção e da Comercialização para Implantação de uma rede de Armazéns e Silos no Paraná" 1963 Inédito.